

ARTE-EDUCAÇÃO NO SUS: MAPEAMENTO, PRÁTICAS E INSERÇÕES NA RAPS-BH

PROJETO DE PESQUISA

Acessibilidade, Violência, Tecnologias e Sustentabilidade.

Luciana Campos de Faria
Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, Belo Horizonte/Minas Gerais, Brasil

Eixo temático: Acessibilidade; Violência; Tecnologias ou Sustentabilidade

Resumo

Este projeto propõe investigar a atuação das(os) arte-educadoras(es) na Rede de Atenção Psicossocial de Belo Horizonte (RAPS-BH), com foco nos serviços destinados ao público adulto: Centro de Convivência (CC), Centro de Referência em Saúde Mental (CERSAM), Centro de Referência em Saúde

FARIA, Luciana Campos de. ARTE-EDUCAÇÃO NO SUS: MAPEAMENTO, PRÁTICAS E INSERÇÕES NA RAPS-BH**. Anais...** 29º SEMINÁRIO NACIONAL DE ARTES E EDUCAÇÃO da FUNDARTE – ISSN 2359-6120. Editora da FUNDARTE: Montenegro, e1949, Ano 2026.

Mental Álcool e Drogas (CERSAM-AD) e Consultório na Rua (CR). Busca compreender como se configuram suas práticas profissionais e sua inserção no Sistema Único de Saúde (SUS), considerando as especificidades institucionais e assistenciais de cada serviço. A pesquisa pretende analisar os sentidos atribuídos às oficinas de arte nesses contextos, as relações interdisciplinares estabelecidas no cotidiano de trabalho e os desdobramentos da presença da arte-educação nas políticas públicas de saúde mental. Também objetiva identificar e sistematizar estratégias pedagógicas e artísticas trabalhadas pelas(os) profissionais em diálogo com a reabilitação psicossocial. De natureza qualitativa, exploratória e descritiva, o estudo será realizado por meio de entrevistas com arte-educadoras(es) e gestoras(es) dos serviços investigados. O referencial teórico articula contribuições dos campos da arte, educação, experiência e saúde mental, reunindo autores como Ana Mae Barbosa, Benedetto Saraceno, John Dewey, Jorge Larrosa, Lúcia Pimentel, Tim Ingold, Michel Foucault, Nise da Silveira e Paulo Amarante. Espera-se que a pesquisa contribua para a produção de conhecimentos sobre a arte-educação na RAPS-BH, oferecendo subsídios teóricos, metodológicos e políticos para o fortalecimento dessas práticas. Pretende-se ainda evidenciar os impactos dessa atuação na trajetória profissional das(os) arte-educadoras(es) e sua relevância para a consolidação de políticas públicas de saúde mental orientadas pelos princípios da arte, da cultura e da perspectiva antimanicomial.

Palavras-chave: Arte-educação; Sistema Único de Saúde; Rede de Atenção Psicossocial.

Introdução

Historicamente, a arte tem estado cada vez mais presente no cuidado em saúde mental, seja como meio de expressão e subjetivação, como recurso terapêutico, educativo, dentre outras potencialidades. No Brasil, a Reforma Psiquiátrica e a Luta Antimanicomial impulsionaram sua inserção em serviços de reabilitação psicossocial, reconhecendo-a como essencial na construção de autonomia e cidadania. Na RAPS-BH, as oficinas de arte são fundamentais nesse processo e ampliam a noção de cuidado em saúde mental. Contudo, parece haver uma lacuna na compreensão dos desafios e das estratégias pedagógicas e artísticas utilizadas e/ou reconfiguradas pelas(os) monitoras(es), que aqui chamaremos de arte-educadoras(es), bem como na estruturação das

políticas de saúde mental para que sejam capazes de sustentar as especificidades, necessidades e desafios da arte-educação nesses espaços.

Diante desse cenário, a pesquisa investigará as oficinas de arte nos serviços da RAPS-BH destinados a adultos. Cada serviço atende públicos com condições e demandas variadas: o CC acolhe pessoas em sofrimento mental ou em uso prejudicial de substâncias fora da crise; o CERSAM recebe aqueles em urgência em saúde mental; o CERSAM-AD atende usuários de álcool e outras drogas em uso abusivo; e o CR se destina a adultos em situação de rua e risco clínico (PBH, 2025).

A prática da arte-educação nos serviços de saúde mental se constrói no dia-a-dia, a partir das experiências e trocas com os usuários dos serviços, a cada encontro e ancorada nos saberes de cada arte-educadora(or). Essa observação me motivou na busca por mapear, registrar e sistematizar práticas existentes, contribuindo para a possibilidade de compartilhamento das experiências oportunizadas a partir da mediação da arte-educação. Esse esforço visa fortalecer a prática arte-educativa na RAPS-BH e fomentar políticas públicas que possam ser mais bem estruturadas e apropriadas para a interseção entre os campos de saber e efetivação da arte-educação em tais contextos do SUS. Além disso, a perspectiva antimanicomial e o compromisso social da pesquisa estão alinhados com os princípios da Reforma Psiquiátrica e da Luta Antimanicomial, que defendem um modelo de cuidado baseado em cidadania, acesso à arte e cultura, autonomia e inclusão social.

É ampla a produção acadêmica de pesquisadoras e pesquisadores do campo da saúde a respeito da relação entre arte e saúde mental. Tais pesquisas destacam os efeitos que a expressão artística pode gerar em benefício da saúde global das pessoas em tratamento, sendo a arte uma possibilidade efetiva de ampliação da noção de cuidado. No entanto, surpreendentemente, são raras as pesquisas e publicações que abordam essa temática sob a perspectiva das(os) profissionais da arte-educação. Nesse sentido, a relevância desse projeto também se demonstra pela pretensão e possibilidade de habitar o espaço de produção e compartilhamento de conhecimento, ainda em processo de ocupação pelas(os) arte-educadoras(es),

tornando amplo o acesso às contribuições que estes profissionais têm a apresentar.

Assim, a pesquisa busca compreender, de maneira aprofundada, as dinâmicas que envolvem as oficinas de arte nos serviços da RAPS-BH e colaborar para a construção de um campo de conhecimento que reforce a potência transformadora da arte na reabilitação psicossocial. Dessa forma, além de aprofundar o olhar sobre a relação entre arte-educação e saúde mental na perspectiva das(os) arte-educadoras(es) da RAPS, a pesquisa contribuirá para consolidar a arte como componente essencial no cuidado psicossocial e para ampliar sua legitimidade e vinculação junto às políticas públicas de saúde mental.

Objetivo Geral

Analisar as oficinas de arte nos serviços da RAPS-BH, no SUS, que atendem ao público adulto, a partir do levantamento das práticas e dos discursos das(os) arte-educadoras(es), que emergem da presença da arte-educação na política pública de saúde mental do município.

Objetivos Específicos

Situar as práticas de arte e saúde mental da RAPS em Belo Horizonte no contexto sócio-histórico-cultural-político latino americano e italiano.

Mapear e analisar a presença da arte-educação na RAPS-BH, compreendendo as estratégias pedagógicas e artísticas utilizadas pelas(os) arte-educadoras(es).

Problematizar a atuação das(os) arte-educadoras(es) na RAPS-BH, considerando aspectos institucionais e profissionais que impactam essa prática e sua integração às políticas públicas de saúde mental.

Analisar, dos pontos de vista teórico e prático, as relações entre a arte-educação e a política de saúde mental da RAPS-BH, considerando os elementos discutidos ao longo da pesquisa.

Hipótese

Embora a arte seja, no plano discursivo, reconhecida como pilar da identidade antimanicomial da Reforma Psiquiátrica na cidade de Belo Horizonte, essa centralidade não se confirma plenamente na prática. Caso essa identidade estivesse, de fato, efetivada nos serviços de saúde mental, não haveria tamanha desvalorização das(os) arte-educadoras(es) e precarização dos seus vínculos.

Uma suposta e necessária mudança do campo da saúde mental, em relação à sua conduta com as(os) arte educadoras(es), pode ser fundamental para a sua percepção mais voltada para o real papel da arte educação enquanto um caminho no cuidado e acesso à arte, cultura e construção de cidadania

Metodologia

A pesquisa, de abordagem qualitativa, será exploratória e descritiva, baseada na observação das práticas artísticas nos serviços, entrevistas com arte-educadoras(es), gestoras(es) e análise documental. O objetivo é compreender as relações entre arte-educação e saúde mental, valorizando relatos e experiências. Paralelamente, será feito um mapeamento das oficinas de arte da RAPS-BH, analisando o surgimento e as aplicações metodológicas implicadas no processo. Também serão identificadas semelhanças e diferenças entre as oficinas, considerando como as(os) arte-educadoras(es) adaptam suas abordagens às especificidades dos usuários.

A viabilidade da metodologia se apoiará na observação e acompanhamento de algumas oficinas, compreendendo sua condução, materiais utilizados e interações dos participantes. Entrevistas com arte-educadoras(es) e gestoras(es) captarão percepções sobre a arte no contexto da RAPS-BH e suas práticas pedagógicas. A análise documental incluirá registros dos serviços, projetos pedagógicos, documentos institucionais e materiais produzidos nas oficinas. Essas etapas contribuirão para uma visão

mais ampla sobre as oficinas de arte, gerando conhecimento na perspectiva antimanicomial.

Justificativa

A escolha do tema motivou-se pela minha trajetória profissional e acadêmica na interseção entre arte e saúde mental, especialmente no campo da reabilitação psicossocial dentro da RAPS-BH. Desde 2011, atuei como arte-educadora em dois CCs, conduzindo oficinas de história em quadrinhos, intervenção artística, letras, mosaico, cerâmica e pintura. Isso me permitiu uma aproximação com os usuários dos serviços e com as especificidades do atendimento na RAPS. Tal vivência permitiu-me aproximar das particularidades do serviço oferecido na RAPS, desenvolvendo um olhar crítico sobre as práticas artísticas nesses espaços. Sempre me interessei pela arte como experiência, processo e instrumento de transformação social, considerando seu potencial para expressão, autonomia e reconstrução de subjetividades.

A pesquisa se justifica pela relevância crescente das práticas artísticas no campo da saúde mental. Nos últimos anos, a articulação entre arte, educação e saúde mental tem se mostrado um campo fértil para a produção de conhecimentos que contribuem para a reabilitação psicossocial e a promoção da cidadania. Nesse sentido, a investigação proposta visa preencher uma lacuna existente na sistematização das metodologias de intervenção das(os) arte-educadoras(es) nos diferentes dispositivos da RAPS-BH, permitindo uma compreensão mais aprofundada das práticas artísticas nesses contextos e das transformações que elas podem promover na vida dos usuários.

Historicamente, a arte tem se presentificado no campo das políticas de saúde pública como forma de expressão, comunicação, subjetivação e inserção social. A trajetória dos serviços de saúde mental no Brasil, marcada pela Reforma Psiquiátrica e pela crítica às práticas manicomializantes, evidenciou a necessidade de abordagens que respeitem a singularidade dos indivíduos e promovam a inclusão social por meio de abordagens inovadoras e humanizadas. Nesse cenário, a atuação das(os) arte-educadoras(es) emerge

como um componente essencial para a construção de espaços de cuidado e reabilitação que valorizem a experiência estética e a criatividade. A pesquisa propõe investigar essa interface, buscando compreender como as oficinas de arte, desenvolvidas em diferentes serviços da RAPS-BH, se articulam para promover a reabilitação psicossocial e a transformação dos sujeitos.

Do ponto de vista teórico, a proposta fundamenta-se em um conjunto diversificado de referências que articulam a experiência estética, a educação e a saúde mental. Obras de autores como John Dewey, que enfatizam a arte como experiência transformadora, e de Nise da Silveira, que defendem a expressão artística como caminho para o exercício das subjetividades dos pacientes, dialogam com os pressupostos de uma abordagem antimanicomial. Outros referenciais teóricos, como os de Ana Mae Barbosa e Jorge Larrosa, enriquecem a compreensão sobre as práticas de arte-educação, enquanto autores como Michel Foucault e Paulo Amarante oferecem subsídios para analisar criticamente as políticas públicas de saúde mental e as relações de poder inseridas nesses contextos. Essa fundamentação teórica conferirá à pesquisa uma base interdisciplinar, capaz de articular perspectivas diversas e de promover uma análise crítica e única dos processos de reabilitação psicossocial mediados pela arte.

No aspecto prático, a investigação pretende contribuir para maior visibilidade das práticas de arte-educação na RAPS-BH, oferecendo subsídios que possam apoiar a atuação dos profissionais e a formulação de políticas públicas aderidas à arte. A sistematização dos conhecimentos oriundos da observação das oficinas, da realização de entrevistas com arte-educadoras(es) e usuários, e da análise documental dos serviços, permitirá a identificação de estratégias eficazes que promovam a integração dos processos criativos aos objetivos de reabilitação. Essa aproximação prática reforça a importância da arte como ferramenta de cuidado, bem como propicia a criação de um diálogo entre teoria e prática, estimulando a reflexão sobre os desafios e as potencialidades da intervenção artística em contextos dos serviços de saúde mental.

Ademais, a relevância da pesquisa se evidencia pela sua possibilidade de promover a valorização do saber das(os) arte-educadoras(es) diante de suas atuações singulares nos serviços de saúde mental. Ao sistematizar e divulgar essas práticas, o projeto contribui para a consolidação de um campo de conhecimento que fortalece a identidade profissional dos arte-educadoras(es), ao mesmo tempo em que amplia o reconhecimento da arte-educação como um componente essencial na reabilitação psicossocial. Assim, a pesquisa não apenas oferece uma análise crítica e descritiva dos processos artísticos existentes, mas também propõe a construção de abordagens metodológicas que podem influenciar positivamente as práticas institucionais e favorecer transformações significativas na área da saúde mental.

Em suma, a investigação se justifica pela necessidade de integrar práticas artísticas e de cuidado em saúde mental de forma sistematizada e crítica, contribuindo para a ampliação do conhecimento teórico e prático no campo da arte-educação. Ao abordar as especificidades dos serviços da RAPS-BH e ao destacar as experiências dos usuários e profissionais, o projeto propõe uma reflexão aprofundada sobre os potenciais da arte na promoção da saúde, na reabilitação psicossocial e na construção de uma sociedade mais inclusiva e humanizada. Ademais, a pesquisa poderá contribuir para o fortalecimento das(os) arte-educadoras(es) atuantes na RAPS-BH, ampliando sua legitimidade no campo da reabilitação psicossocial e fomentando discussões que possam subsidiar possíveis novas políticas e diretrizes para a atuação da arte como conteúdo significativo.

Fundamentação

O estudo dialogará com referenciais teóricos que articulam arte, educação e saúde mental, incluindo Ana Mae Barbosa, Benedetto Saraceno, John Dewey, Jorge Larrosa, Lúcia Pimentel, Michel Foucault, Nise da Silveira e Paulo Amarante. O conceito de arte como experiência (Dewey, 2010) será central para compreender o papel das oficinas na subjetivação dos

participantes, enquanto a perspectiva antimanicomial servirá de base para a análise das práticas institucionais de cuidado em liberdade.

A presente revisão teórico-metodológica visa situar a investigação no campo epistemológico que integra arte, educação e saúde mental, com ênfase na análise das oficinas de arte na RAPS-BH. Essa abordagem se fundamenta na convergência de diferentes correntes teóricas que evidenciam o potencial transformador da arte na reabilitação psicossocial, especialmente quando articulada à perspectiva antimanicomial.

Pimentel ressalta a importância dos processos artísticos como método de pesquisa, afirmando que

> Toda ação praticada numa experiência modifica quem a pratica e quem a sofre. A pesquisa em Arte pode desarticular identidades estáveis do passado, mas também pode abrir a possibilidade de novas articulações: a criação de novas identidades e a produção de novos sujeitos. (PIMENTEL, 2015, p. 97)

Essa visão propicia uma compreensão da arte não apenas como objeto de estudo, mas como uma metodologia que privilegia o intangível e o afetivo, elementos essenciais para investigar as práticas artísticas nos contextos de serviços de saúde mental.

Larrosa, em sua obra *Tremores: Escritos sobre Experiência*, enfatiza a experiência como um "[...] saber que revela ao homem concreto e singular, entendido individual ou coletivamente, o sentido ou o sem-sentido da sua própria existência [...]." (LARROSA, 2015, p. 32). Essa perspectiva reforça que a vivência artística acessa níveis profundos da subjetividade, ressignificando realidades dos sujeitos.

A contribuição de Ana Mae Barbosa é central para a compreensão do ensino e da prática artística ao longo do tempo. Em *Ensino da arte: memória e história*, ela ensina que "na arte e na vida memória e história são personagens do mesmo cenário temporal [...]" (BARBOSA, 2019, p. 1). Sendo o ensino da arte é uma prática que resgata a memória e a história, ela fortalece a identidade cultural dos indivíduos. Em *A imagem no ensino da arte*, a autora complementa ao afirmar que "a imagem constitui um meio privilegiado para a

compreensão e expressão dos saberes artísticos" (BARBOSA, 2009, p. 56). Já em *Redesenhar o Desenho: Educadores, Política e História*, Barbosa propõe que "a transformação no ensino da arte passa pela reconfiguração dos métodos pedagógicos tradicionais, abrindo espaço para novas linguagens" (BARBOSA, 2015, p. 67). Essas ideias oferecem um referencial para analisar como as oficinas de arte resgatam e transformam saberes, contribuindo para a reabilitação psicossocial dos usuários.

Dewey, em *Arte como experiência*, sustenta a arte como "[...] um ato de reconstrução, e a consciência torna-se nova e viva" (DEWEY, 2010, p. 135). Essa afirmação amplia a compreensão da arte como ferramenta potente, ressaltando seu papel na promoção da integração entre os diversos aspectos da vida dos sujeitos, o que é especialmente relevante no contexto de reabilitação em saúde mental.

Complementando essa perspectiva, Duarte Jr. (2003) em *O sentido dos sentidos: a educação do sensível*, argumenta que a educação do sensível pode provocar "[...] um sujeito antes de tudo sensível, aberto às particularidades do mundo que possui à sua volta, o qual, sem dúvida nenhuma, deve ser articulado à humana cultura planetária" (DUARTE JR., 2003, p. 178). Ou seja, um sujeito capaz de interpretar e transformar suas vivências. Essa abordagem enfatiza a importância de uma educação que valorize as emoções e a percepção, contribuindo para a construção de significados a partir da experiência artística.

Read, em *A educação pela arte*, defende que a educação pela arte promove uma aprendizagem que vai além do domínio técnico, alcançando a dimensão afetiva e emocional dos indivíduos. Para ele, [...] a educação deve basear-se em uma compreensão das diferenças de temperamento, e agora desejamos deixar claro que, os modos de expressão plástica [...] constituem a melhor maneira de atingirmos seu temperamento próprio" (READ, 2001, p. 81). Essa ideia reforça a importância de práticas artísticas que dialoguem com as emoções, facilitando processos de reabilitação e ampliando a abordagem de cuidado ampliado.

No que tange à saúde mental, Nise da Silveira, em sua obra *Os inumeráveis estados do ser*, enfatiza que “[...] a pintura e a modelagem tinham em si mesmas qualidades terapêuticas, pois davam forma a emoções tumultuosas despontencializando-as [...]” (NISE DA SILVEIRA, 1987, p. 124). Essa abordagem rompe com os paradigmas tradicionais de tratamento psiquiátrico, evidenciando a arte como um caminho para a expressão e a ressignificação dos afetos.

Por sua vez, Camila Zoschcke, em *Arte e loucura: uma aproximação histórica*, aponta que a relação entre arte e loucura evidencia a complexidade dos processos criativos, onde a marginalidade e a diversidade se entrelaçam. E afirma que “é na arte que a loucura encontra possibilidade de se expressar, após séculos de silêncio” (ZOSCHCKE, 2007, p. 97). Todas essas reflexões ampliam o debate sobre a inclusão dos saberes artísticos nos contextos dos serviços de saúde mental, ressaltando a importância de reconhecer a diversidade como elemento enriquecedor.

Michel Foucault, em *História da loucura*, revela os mecanismos de poder e exclusão presentes nas instituições sociais. (FOUCAULT, 1978). Sua análise crítica das instituições psiquiátricas fundamenta a perspectiva antimanicomial adotada por este projeto e busca questionar e transformar os modelos de cuidado excludente e impessoal.

A análise histórica das instituições de saúde também é fundamental para a compreensão dos contextos em que se inserem as práticas artísticas. O livro *História da Saúde em Minas Gerais: Instituições e Patrimônio Arquitetônico (1808-1958)* demonstra que as instituições de saúde carregam em sua estrutura as marcas de transformações históricas e sociais, refletindo os paradigmas de exclusão e resistência (MARQUES, et al., 2011). De forma complementar, o estudo *História e memória da criação de um centro de convivência* ressalta que a criação de um centro de convivência se fundamenta na valorização do convívio e na resistência às práticas manicomializantes, evidenciando a relevância de espaços de cuidado baseados na coletividade. Os centros de convivência “[...] são estruturados para a produção cultural e artística e objetivam promover a reinserção social, ou seja, são serviços

relacionados à liberdade, vínculo, partcipação, invenção e comunidade (HISTÓRIA E MEMÓRIA, 2018, p. 69).

No texto *Frantz Fanon, descolonização e o saber em saúde mental: contribuições para a saúde coletiva brasileira*, Gil Sevalho e João Dias indicam que, de acordo com Fanon, a reinvenção do saber em saúde mental é imprescindível para a construção de práticas inclusivas e emancipadoras. “O cuidado em saúde mental implica a construção de redes de serviços atuantes onde circulam as pessoas.” (SEVALHO; DIAS, 2022, p. 944), apontando para a urgência de repensar os modelos de cuidado que historicamente marginalizaram determinados grupos. Por fim, Freire, em *Pedagogia do Oprimido*, propõe um diálogo horizontal que liberta os sujeitos da opressão, permitindo a construção coletiva do conhecimento (FREIRE, 1978), uma premissa que inspira a proposta deste projeto, voltada à valorização dos saberes das(os) arte-educadoras(es) e dos usuários dos serviços da RAPS-BH.

A concepção de reabilitação psicossocial adotada nesta pesquisa dialoga diretamente com as reflexões de Benedetto Saraceno, que propõe uma abordagem centrada na cidadania e na inclusão social dos sujeitos em sofrimento psíquico. Para Saraceno (2001), a reabilitação psicossocial deve ir além da ideia de "recuperação" e se pautar na construção de identidades múltiplas e dinâmicas, permitindo que os indivíduos sejam reconhecidos como cidadãos plenos, e não apenas como "pacientes". Esse pensamento se articula com sua proposta de uma estratégia de reabilitação para o novo milênio, na qual defende que a transformação dos serviços de saúde mental deve ocorrer a partir da valorização da autonomia e da participação ativa dos usuários (Saraceno, 2016). No contexto da RAPS, essa perspectiva reforça a importância das oficinas de arte como dispositivos de produção de subjetividade e fortalecimento de vínculos sociais, ampliando as possibilidades de inserção dos participantes na vida comunitária.

Do ponto de vista metodológico, a investigação adota uma abordagem qualitativa, exploratória e descritiva, fundamentada na observação participante, entrevistas semiestruturadas e análise documental. Essa escolha se justifica

pela complexidade dos contextos e pela necessidade de captar as nuances das vivências artísticas realizadas nos diversos dispositivos – Centro de Convivência, CERSAM, CERSAM-AD e Consultório na Rua – que atendem públicos com demandas e condições específicas. Conforme enfatiza Pimentel, os processos artísticos, quando utilizados como metodologia de pesquisa, permitem uma aproximação sensível e inovadora aos saberes produzidos no cotidiano dos sujeitos (PIMENTEL, 2015).

A integração dos referenciais teóricos apresentados demonstra que a prática artística possui dimensões multifacetadas, atuando como elemento transformador na reabilitação psicossocial. Essa revisão evidencia que a arte, em sua dimensão experiencial, possui o potencial de transformar a realidade dos indivíduos e das comunidades (DEWEY, 2010), abrindo caminho para a construção de abordagens que apoiem a atuação dos arte-educadoras(es). Assim, a presente investigação busca articular os saberes teóricos e as práticas empíricas, contribuindo para o avanço do conhecimento na interface entre arte e saúde mental e promovendo uma prática antimanicomial que valorize a diversidade, o diálogo e a construção coletiva de saberes.

Referências:

AMARANTE, P.; FREITAS, F.; NABUCO, E.; PANDE, M.N.R. Da diversidade da loucura à identidade da cultura: o movimento social cultural no campo da reforma psiquiátrica. In: Cadernos Brasileiros de Saúde Mental. Rio de Janeiro, v. 4, n. 8, p. 125-132, jan./jun. 2012.

AMARANTE, Paulo; LIMA, Ricardo (Coord.). **Loucos pela diversidade:** da diversidade da loucura à identidade da cultura. Rio de Janeiro: s.n., 2008.

BARBOSA, Ana Mae**. A imagem no ensino da arte**. São Paulo: Perspectiva, 2009.

BARBOSA, Ana Mae (Org.). **Ensino da arte:** memória e história. São Paulo: Perspectiva, 2019.

BARBOSA, Ana Mae. **Redesenhando o desenho:** educadores, política e história. São Paulo: Cortez, 2015.

DEWEY, John. **Arte como experiência**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

DUARTE JR., João-Francisco. **O sentido dos sentidos:** a educação do sensível. Curitiba: Criar Edições, 2003.

FOUCAULT, Michel. **História da loucura**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1978.

FRAYZE-PEREIRA, J.A.. Nise da Silveira: imagens do inconsciente entre psicologia, arte e política. In: **Estudos Avançados** [online]. 2023, v. 17, n. 49, pp. 197-208. Disponível em: https://www.revistas.usp.br/eav/issue/view/738. Acesso em 20/03/2025.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1413-81232022273.42612020>. Acesso em: 10 mar. 2025.

História e memória da criação de um centro de convivência. In: **Saúde em Redes** [online]. 2018, pp. 63-73. Disponível em: http://dx.doi.org/10.18310/2446-4813.2018v4n3p63-73. Acesso em: 10/03/2025.

LARROSA, Jorge. **Tremores:** escritos sobre experiência. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

MARQUES, R. C.; SILVEIRA, A. J. T.; FIGUEIREDO, B. G. (Org.). **História da saúde em Minas Gerais:** instituições e patrimônio arquitetônico (1808-1958). Rio de Janeiro: Editora Fiocruz; Barueri: Editora Manole, 2011. 162 p.

NILO, K. et al, (Org.). **Política de saúde mental de Belo Horizonte:** o cotidiano de uma utopia. Belo Horizonte: Secretaria Municipal de Saúde de Belo Horizonte, 2008.

NISE DA SILVEIRA: **Os inumeráveis estados do ser**. Rio de Janeiro: IBM Brasil, 1987.

PIMENTEL, Lucia Gouvêa. Processos artísticos como metodologia de pesquisa. In: **Ouvirouver** [online]. 2015, vol. 11, n. 1, pp. 88-98. Disponível em: https://seer.ufu.br/index.php/ouvirouver/article/view/32707. Acesso em: 10/03/2025.

READ, Herbert. **A educação pela arte**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

SARACENO, Benedetto. **Libertando identidades:** da reabilitação psicossocial à cidadania possível. 2. ed. Rio de Janeiro: Te Corá Editora, 2001.

SARACENO, Benedetto. Reabilitação Psicossocial: uma estratégia para a passagem do milênio. In: PITTA, A. (Org.). **Reabilitação Psicossocial no Brasil**. São Paulo: Hucitec, 2016. p. 19-26.

Saúde Mental. PBH. 2025. Disponível em: https://prefeitura.pbh.gov.br/saude/informacoes/atencao-a-saude/saude-mental. Acesso em: 10/03/2025.

SEVALHO, Gil; Dias, João Vinicius. Frantz Fanon, descolonização e o saber em saúde mental: contribuições para a saúde coletiva brasileira. In: **Ciência & Saúde Coletiva** [online]. 2022, v. 27, n. 03, pp. 937-946. Disponível em: https://doi.org/10.1590/1413-81232022273.42612020. Acesso em 20/03/2025.

ZOSCHCKE, Camila. **Arte e loucura:** uma aproximação histórica. In: **Anais V Fórum de Pesquisa Científica em Arte** [online]. Curitiba: 2006-2007. Disponível em: https://pt.scribd.com/document/768191902/A-arte-e-a-loucura-uma-aproximao-histrica-camila-zoschcke-1. Acesso em 20/03/2025.

Nome do Autor: Luciana Campos de Faria
Minibiografia: Luciana Campos de Faria é artista-educadora, doutoranda em Artes pela UFMG com apoio da CAPES, mestra em Estudos de Linguagens (CEFET-MG), especialista em História da Cultura e da Arte (UFMG) e licenciada pela Escola Guignard/UEMG. Sua trajetória articula arte e educação, com foco nas relações entre criação, experiência, espaço e saúde mental. Entre 2011 e 2025, atuou na Rede de Atenção Psicossocial (RAPS) de Belo Horizonte, conduzindo oficinas e desenvolvendo processos artísticos com diferentes públicos, realizando mostras de arte, curadorias e montagens de exposições, além de experiências no ensino e na mediação cultural. Sua pesquisa investiga a arte como prática de subjetivação e transformação social.
ORCID: 0009-0000-5531-6422
Lattes: http://lattes.cnpq.br/8680595049877967
E-mail: lucianabhf@gmail.com